

O PROFESSOR DE ESPANHOL FRENTE A UMA DEMANDA MULTICULTURAL

PRATES, Luciana Pitwak Machado Silva, UNIR¹

RESUMO: O texto do presente trabalho tem como ponto de apoio, fazer uma reflexão sobre a responsabilidade do professor de espanhol, mantendo uma postura baseada na ciência e, aprofundando seus conhecimentos teóricos para melhor adequar sua linguagem e possibilitar uma maior qualidade nas suas práticas, analisando sua conduta diante de diversas situações que se apresentem em sala de aula, especialmente nas regiões fronteiriças, onde o ambiente da sala de aula pode ser multicultural.

INTRODUÇÃO

O ensino de línguas estrangeiras tornou-se uma necessidade nas escolas e, a partir da lei 11.161 que obriga as escolas a oferecerem o espanhol no ensino médio, cresceu a necessidade de observar se o professor de espanhol conhece sua fonética, fonologia e métodos adequados ao seu ensino.

Segundo Calvet (2002), a língua não deve ser considerada apenas como um “instrumento de comunicação”, já que vem munida de atitudes. É preciso fazer uso das habilidades lingüísticas: Escutar, Falar, Ler e Escrever.

As sociedades estão formadas por uma diversidade cultural, com várias formas de pensamento e crenças por isso, é necessário buscar resolver os problemas provocados pela heterogeneidade cultural, política, religiosa, social, comportamental, econômica, e outras variáveis culturais, a fim de manter uma estabilidade para o entendimento e convívio social.

As regiões de fronteira tendem a influenciar-se, o que pode ser percebido nas escolas, onde convivem, culturas e línguas diferentes, buscando manter um entendimento entre si e as informações repassadas pelo professor.

O termo multiculturalismo representa a mescla de culturas em razão da aproximação de diferentes sociedades e, por conseguinte, culturas.

Por outro lado, o MERCOSUL provocou uma influência direta nas escolas, exigindo que os profissionais da educação voltassem sua atenção à relevância social da lingüística para o professor de língua estrangeira, buscando manter uma postura

¹ Mestranda no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem/UNIR, professora do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia - UNIR e pesquisadora do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais – GELLSO. E-mail: lupitwak@hotmail.com

metodológica flexível e que possibilite envolver e atuar adequadamente em um ambiente multicultural.

1 A INCLUSÃO SOCIAL FRENTE A UMA DEMANDA MULTICULTURA

Dentro de um ambiente escolar, politicamente, a escola está despreparada para orientar indivíduos com bases tão divergentes, pois sente dificuldade de unificar a linguagem para que todos possam compreender efetivamente a mesma idéia que intencionou ser transmitida.

Tais diferenças estão inseridas na escola moderna, onde cada um é um, fugindo da estrutura escolar que busca unificar, o que muitas vezes é incoerente e termina por prejudicar a melhor aquisição dos conhecimentos transmitidos.

Essa tentativa de unificar é tão incompetente que termina por acentuar as diferenças, ocasionando uma forte falha na comunicação entre professores, alunos e do próprio sistema.

Conforme nos fala Lopes in Skliar (2001),

as diferenças existentes entre grupos e nos grupos culturais estão presentes na escola moderna, porém tal instituição não sabe como trabalhar e pensar as mesmas. A escola está preparada para uniformizar os sujeitos que devem ser “livres”, educados e servis. Essa dificuldade em trabalhar com as diferenças não se observa só na escola, mas em todas as instituições modernas que se deparam com o crescimento material gerado pela ciência e tecnologia.

No ensino de uma língua estrangeira, principalmente se este é o da língua falada no país vizinho, as diferenças são mais acentuadas do que ocorre em uma região “neutra” de contatos fronteiriços, pois é considerada rica, pela diversidade cultural. A primeira, naturalmente precisa do apoio de políticas públicas que promovam a interação e integração entre os indivíduos, buscando minimizar as diferenças sócio-culturais que constituem fator de resistência ao seu estudo.

Tal fato se dá mais intensamente nos dias atuais, devido à “modernidade” que exige um maior contato entre as culturas dos diferentes povos.

Pode-se notar este estímulo na simples utilização dos meios eletrônicos e tecnológicos, seja para fins de estudo, trabalho ou lazer.

Lopes in Skliar (2001) diz ainda:

diante da crise política, social, econômica e cultural que se depara a escola, a pesquisa educacional sente-se na “obrigação” de encontrar soluções para os problemas vividos cotidianamente.

Muitas vezes a escola transfere essa “obrigação” ao professor, que deve ter as qualificações necessárias para receber esses alunos, compreender suas necessidades e dificuldades e buscar estratégias que amenizem suas diferenças.

É claro que a escola tem um papel fundamental na educação dos futuros cidadãos, porém necessita de referências concretas para apoiar suas ações, logo, baseia-se nas estruturas tradicionais que “engessar” o sistema que hoje, precisa ser ágil e tolerante às novidades que surgem a cada instante devido às trocas de experiências entre os grupos sociais que, a pesar de constantemente entrarem em atrito, contribuem mutuamente para o fortalecimento das nações e, conseqüentemente, do mundo.

2 LINGUAGEM E SOCIEDADE

A maior ferramenta de comunicação social é a linguagem, e através dela é possível haver conciliações ou desavenças, possibilitando tornar-se mais fácil ou mais difícil uma comunicação. Porém, de todas as áreas profissionais, o profissional da educação é o que mais se dedica em aprofundar seus estudos lingüísticos a fim de aperfeiçoar sua linguagem para facilitar sua atuação, tornando-se um pesquisador interessado em divulgar seus resultados para compartilhar suas descobertas. Sendo assim, conforme Correa (2007), “somos profissionais, teóricos e aplicados, que, respeitadas as variáveis de objetivos, essencialmente, procuramos entender e/ou descrever o funcionamento da linguagem humana”

Não faz muito tempo que os meios acadêmicos têm ampliado seus esforços para promover eventos que ofertem temas pertinentes à formação lingüística² de seus alunos, buscando enfatizar a importância dos principais pontos teóricos da lingüística e sua contribuição para a pesquisa teórica e aplicada.

Pode-se dividir a lingüística teórica em diferentes segmentos: a) geral; b) descritiva; c) histórica; d) comparativa; e) sociolingüística; etc, e a aplicada, encarregada de aplicar os conceitos e descobertas ocorridas na teórica a uma série de

² Ciência que estuda a linguagem humana e que divide-se em teórica e aplicada

práticas como a educação, a informática, a matemática, etc e, inclusive no ensino de línguas.

Ao considerar a lingüística como a ciência que estuda a linguagem, e, havendo no universo uma infinidade de formas de linguagem, essa estuda especificamente a humana e sua forma mais comum de transmissão é através da língua.

Cada uma das inúmeras e diferentes línguas tem uma infinidade de formas de linguagem que merecem uma atenção especial através de estudos científicos.

Neste trabalho, primeiramente serão apresentadas algumas considerações e entendimentos sobre o significado de ciência. Apesar de a ciência não ser estável, mas manter-se em constante movimento onde se torna possível haver novas conclusões a partir de uma mesma problemática, decorrido algum tempo e com novos dados, ao fazer uma investigação considerada científica, o pesquisador precisa pontuar métodos adequados ao que se está buscando descobrir e que estes organizem sua investigação a fim de que se consiga obter um resultado que possa ser considerado o mais próximo do “garantido” até que se prove o contrário por meio de uma nova pesquisa científica, cujo resultado da investigação torna-se um conhecimento científico.

A língua tem sido estudada por muitos lingüistas a fim de entender as suas diferentes formas de linguagem bem como sua estrutura.

É importante considerar a relação entre a lingüística e o estudo de línguas, já que as línguas não são apenas formas diferentes de comunicação oral, uma língua vem acompanhada da cultura das pessoas que a falam, por isso, é difícil definir separadamente língua e linguagem, uma vez que a língua, apesar de ser uma forma de linguagem, vem acompanhada por outras características que a tornam tão complicada em determinados momentos que podem ocasionar desentendimentos.

Nesse sentido, importa refletir sobre o ensino–aprendizagem de línguas, a fim de tentar melhorar o processo de comunicação entre aluno-professor bem como entre os próprios alunos de uma única sala de aula na qual o professor deverá conhecer várias estratégias metodológicas, tanto para transmitir o conhecimento como para lidar com as divergências decorrentes das diferentes formas de linguagem.

O mundo está em constante mudança, uma delas é o da globalização que aproximou as línguas e suas culturas, porém, ainda que seja com a intenção de que haja uma evolução da humanidade, tal acontecimento também provocou muitos conflitos decorrentes das diferentes formas de linguagem que são interpretadas a partir de seu conhecimento empírico cultural.

Nesse contexto, além da aproximação das culturas através da informática e a mídia, também se tornaram ainda mais próximos os países fronteiriços. Somando a isso, após o advento do MERCOSUL, houve uma facilitação para a possibilidade de migração e integração comercial e social entre alguns países, influenciando diretamente as escolas.

Neste sentido, os profissionais da educação necessitam melhor direcionar seus estudos ao campo das diferentes línguas bem como a relevância social da lingüística para o professor de língua estrangeira.

As universidades têm formado professores de línguas, buscando conscientizá-los da importância de se manterem atualizados e preparados para ter uma postura dinâmica e solucionar as eventualidades que podem ocorrer em sala de aula, além de transmitir o conhecimento com propriedade.

2.1 Mercosul / Globalização

Diante da realidade mundial onde a globalização faz parte do cotidiano, a educação tem seu papel inquestionável para o desenvolvimento desse novo sistema que vivemos, por estarmos mesclados a um contexto social, político, econômico e cultural de todas as nações.

Economicamente falando, podemos observar os países da América Latina que, ao procurar novos meios de reestruturação econômica e social, buscam outros países promovendo assim, acordos políticos que sejam de grande importância na vida social e cultural da sua sociedade.

Isto não ocorre somente em alguns, mas em todos os países do mundo. A educação jamais poderia estar de fora deste contexto, pois é ponto fundamental para o desenvolvimento desta nova forma de sociedade “globalizada”.

Conforme Vasconcelos apud Martinic (1997: 26)³, é de responsabilidade da *“...escola a preparação dos jovens para uma nova cultura de trabalho baseada no domínio da informação e em operações complexas: criatividade: capacidade para resolver problemas e de trabalhar em equipe.”*

³ Texto retirado da Revista do Cogeime – com o título de Desafios da Educação Latino-americana em uma era de globalização, traduzido do Espanhol para o Português. Cujas bibliografias foram adquiridas através do trabalho monográfico de COSTA, Rosinete Vasconcelos – A importância da língua espanhola no ensino fundamental de 5º a 8º séries.

Contudo, é necessário entender as tradições, a cultura e a língua desses povos. Para isso o intercâmbio deve ser global.

Não se deve falar uma língua estrangeira sem conhecer os costumes do povo que a fala.

2.2 Concepções teóricas do ensino de línguas estrangeiras

O ensino de Línguas Estrangeiras, tanto quanto das demais áreas do conhecimento, não deve fugir às exigências definidas para a educação, e sim manter-se atualizada quanto às mudanças sociais a fim de buscar atingir seus objetivos com maior eficácia. Para tanto, surgem vários materiais para apoiar as atividades pedagógicas tais como: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais, etc.

Para se alcançar uma transformação pedagógica, muitos fatores são apresentados como necessários. Alguns estão diretamente relacionados com os valores e objetivos da instituição, condições administrativas e organizacionais que ela oferece aos seus professores e alunos. Outros estão relacionados ao educador (formação de competência, valores, ideologias e compromisso), firmados em uma base teórico-metodológica que o apoiará em seu trabalho.

O conhecimento de outras culturas é parte da aquisição e domínio de outras línguas. As Línguas Estrangeiras têm um papel fundamental para a expansão do raciocínio sócio-cultural do indivíduo para que este possa melhor interagir com o mundo, transformando-se em um ser com maiores dimensões na sua capacidade de comunicação e conseqüente interação com o meio, seja ele profissional ou pessoal.

Como disciplina do currículo escolar, o ensino de uma Língua Estrangeira objetiva transformar o aluno em um indivíduo, capaz de interagir nas mais diversas situações às quais a sociedade pode lhe apresentar, sendo capaz de realizar trocas comunicativas em diferentes formas de linguagem.

Deste modo, é importante buscar o ensino moldado à realidade do aluno para que ele tenha uma maior condição de visualizar as informações que lhe são apresentadas e assim, poder iniciar uma construção própria e independente, com a utilização de uma prática pedagógica coerente com a realidade do alunado, a partir das orientações propostas, por meio das competências lingüísticas, necessárias para o efetivo ensino de uma Língua Estrangeira.

A observação do processo de ensino-aprendizagem a partir de uma abordagem comunicativa possibilita favorecer a contextualização e o envolvimento ativo do aluno nesse processo. É importante entender que a instituição de ensino não trata alunos, mas pessoas com suas histórias e que estão em busca de seu espaço e reconhecimento na sociedade. O estudo da gramática e do vocabulário se dá de forma integrada ao conteúdo funcional, fazendo com que o aluno se torne um efetivo usuário da Língua Estrangeira escolhida como objeto de estudo.

O ensino de Línguas Estrangeiras passou por várias modificações em todos os seus níveis de ensino, passando de uma simples recomendação a uma obrigação no currículo escolar.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê a Língua Estrangeira como disciplina obrigatória no Ensino Fundamental, a partir da quinta série, hoje 6º ano, considerando a língua que melhor se adapte à realidade da região. Atualmente, os níveis de ensino são considerados em três ciclos. Consideraremos aqui apenas o primeiro e o segundo, que vai do 1º ao 5º ano e do 6º ao 9º ano.

A escolha da língua fica a cargo da escola, considerando os fatores históricos, priorizando-se o ensino do Inglês e do Espanhol. Porém, a política de ensino de Línguas Estrangeiras passou de Monolíngüe a Plurilíngüe, por meio da qual se busca a aplicação do ensino de duas ou mais Línguas Estrangeiras na escola, dentro de suas possibilidades, ampliando as perspectivas de oportunidades de crescimento cultural e profissional.

O Fundamento teórico do Referencial Curricular de Línguas Estrangeiras tem como base uma visão construtivista da educação, sobretudo na concepção sócio-histórica de Vigotsky, trabalhando o conhecimento a partir da interação social, relacionando os conhecimentos específicos das realidades existentes no contexto, exercendo várias atuações para ativar o raciocínio do aluno mediante as propostas apresentadas pelo professor para que o mesmo possa interagir com os demais participantes do processo de ensino/aprendizagem. Com isso, o professor tem um papel fundamental em sala de aula a fim de criar um ambiente lingüístico apropriado para o desenvolvimento sociointeracionista.

2.3 O papel social da língua estrangeira

É importante que o aluno compreenda que a história e a vida social são a base para a construção dos significados e que, inseridas em um contexto social, estão sujeitas

a transformações. No momento em que o aluno toma consciência do papel social da linguagem, ele passa a perceber o sentido de se conhecer uma Língua Estrangeira e todos os elementos culturais que a compõem.

A linguagem é um tema que vem sendo estudado por muitos pensadores sob vários pontos de vista, assim como a sua relação com a língua, cultura e memória dentro das diferentes formas de sociedade.

Cada sociedade estabelece, para seu melhor convívio, suas próprias normas que podem ser construídas a partir de uma necessidade imediata, independente de leis, e estas são praticadas pelos indivíduos que convivem com os problemas existentes dentro da sociedade e, podem ser planejados pelo Estado, a fim de analisar as hipóteses apresentadas pela sociedade como solução para seus problemas e torná-los legais.

Estas políticas lingüísticas são chamadas por Calvet de “gestão *in vivo*” para a primeira situação e, “gestão *in vitro*” para a segunda situação.

Contudo, se faz necessário verificar o que alguns pensadores acreditam ser a língua e a lingüística.

Ferdinand Saussure é o precursor da lingüística moderna e considera que a língua é elaborada pela sociedade. Meillet acredita que ela é um fato social. Labov apresenta um pensamento de que se a língua é um fato social, a lingüística é o estudo deste fato.

Calvet aborda que a lingüística é uma forma de elaborar a língua a partir de atos da fala. Para Durkheim, a língua existe independentemente dos indivíduos que a falam.

As formas de ver a língua podem ser diferentes de acordo com cada ponto de vista porém, todos concordam em uma questão: que a língua ocorre dentro de uma sociedade.

Dentro de um contexto global, as línguas estrangeiras entram em evidência devido à necessidade de interação tanto pelas necessidades comerciais como de turismo.

Ao considerar que cada língua vem acompanhada da cultura da sociedade que a utiliza, é possível concordar que o papel social das línguas estrangeiras possibilita a aquisição de novos conhecimentos lingüísticos e culturais a fim de aprender com o outro, novas experiências, porém, se faz necessário manter a mente aberta e receptiva aos costumes e formas de tratamento e de comunicação que a outra língua traz.

3 LEGISLAÇÃO

Pode-se dizer que a língua estrangeira sempre teve sua participação na aula, porém, somente depois da formulação da Lei n.º 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20/12/1996, em seu art. 26 §5.º, o ensino de uma língua estrangeira se tornou obrigatório nas escolas, a partir da quinta série do ensino Fundamental, tendo a escola, o dever de adequar a língua que melhor se identifique com as necessidades, tanto da escola como de seus alunos, observando as características regionais, históricas e culturais de cada região.

A LDB e os PCN incentivam o ensino da LE nas escolas, assim como qualquer outra disciplina do desenho curricular, mas ainda existe uma deficiência muito grande e o governo não oferece as mínimas condições didático - pedagógicas para que seja possível o ensino dessa língua. Para ensinar uma língua estrangeira é necessário ter consciência da importância dessa língua no contexto educacional, quais serão os benefícios para os alunos e quais são as dificuldades existentes para trabalhar com a inserção de uma nova língua.

Em 05 de agosto de 2005 foi promulgado o decreto da Lei 11.161, tornando sua oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa ao aluno, o qual deverá ser implantado gradualmente nos currículos plenos do ensino médio, em um período de cinco anos.

4 O PAPEL SOCIAL DO PROFESSOR DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS EM UM AMBIENTE MULTICULTURAL

Considerando as necessidades atuais por que passam as regiões de fronteira, cuja demanda muitas vezes é multicultural, o professor deve saber lidar com as diferentes formas de linguagem tanto dos alunos locais como dos provenientes do outro país, no caso de haver fronteira.

É preciso que o professor seja realmente um pesquisador a fim de analisar as muitas situações por que passam em sala de aula a partir de suas experiências e estudos científicos para, posteriormente, compartilhar com os demais colegas de profissão, a fim de aprimorar sua conduta e melhor compreender a língua e a linguagem de seus alunos e poder transmitir seus conhecimentos com maior clareza e conhecimento, fundamentado

na busca de saber lidar com as mais diversas situações em sala de aula e melhorar a qualidade do ensino.

Igualmente importante, o professor de línguas deve conhecer os métodos de ensino bem como as competências lingüísticas, trabalhando cada uma das habilidades que envolvem a língua.

Nas regiões de fronteira, por uma questão de proximidade, é muito provável que os indivíduos falantes de ambas línguas estejam constantemente em contato, o que pode provocar influências de uma língua na outra, bem como de suas culturas.

É importante ressaltar que a interação cultural entre os indivíduos habitantes de uma região de fronteira carrega uma grande importância para determinar relações amistosas ou de conflito. Tal interação pode trazer também a criação de núcleos que promovam muitas formas de influência sócio-cultural. Nesse contexto, a utilização de duas línguas diferentes em decorrência de ser uma região fronteira pode possibilitar a formação de comunidades falantes destas duas línguas (bilingüismo) e também o surgimento de vocábulos novos em razão da mistura destas línguas.

Outrossim, sendo a língua uma forma de linguagem, e também fator integrante da cultura de um povo, nessa situação, pode sofrer diversas modificações fonéticas e, portanto, as populações de regiões fronteiriças naturalmente influenciam-se devido à necessidade de adequação no convívio desses povos vizinhos.

Segundo Calvet (2002), a língua não deve ser considerada apenas como um “instrumento de comunicação”, já que vem munida de atitudes cuja consideração as tornam indispensáveis para a comunicação plena e que a língua pode ser analisada a partir de três parâmetros: social, geográfico e histórico, podendo correlacioná-los para explicar os diversos fenômenos lingüísticos que ocorrem.

É preciso observar se o professor de espanhol tem conhecimento das competências lingüísticas que são apontadas nas Orientações Curriculares Nacionais, sobretudo sobre os temas transversais, para a sua aplicação em sala de aula.

Em uma região de fronteira, principalmente de falantes de línguas originárias de uma mesma raiz, pode ocasionar alguma interferência no seu ensino, em virtude da aproximação de léxicos⁴ e das diferenças culturais. As expressões idiomáticas são

⁴ Palavras, vocabulário.

construídas através de contextos semânticos culturais e se torna mais fácil compreendê-las ao compreender a cultura de quem as criou.

Não há como negar a relação entre língua e sociedade e o estudo de tal interação deve ser observado pelos profissionais de educação, sobretudo os de línguas estrangeiras, a fim de conhecer as diferentes variações linguísticas que ocorrem em razão do convívio de diferentes sociedades.

Ao trabalhar uma língua estrangeira o professor deve observar que existem alguns processos no ensino de cada uma das habilidades linguísticas. Conforme Aguilera (2005), a etapa inicial ou prévia consiste na pré-leitura, pré-composição, pré-audição e pré-conversação, onde se permite uma iniciação ao tema a ser trabalhado como forma de motivação. A etapa seguinte aprofunda a compreensão através de atividades que levem o aluno a desenvolvê-las linguisticamente e cognitivamente. A terceira etapa é a que une uma destreza às outras a partir de atividades que tenham relação com o tema desenvolvido. Partindo para uma teoria e uma prática do ensino das habilidades linguísticas, podemos considerar, ainda seguindo Aguilera: a) compreensão leitora (Ler). Esta é transversal a todas as disciplinas, não se pode resolver uma questão sem compreendê-la, para tanto, orienta-se considerar os níveis da compreensão leitora do aluno utilizando, para isso, um processo de compreensão a partir de uma pré-leitura, seguida de leitura e pós-leitura; b) expressão oral (Falar). Seu desenvolvimento constitui outro grande desafio no processo de ensino-aprendizagem pois, muitas vezes é o principal condutor do desenvolvimento das destrezas. É preciso apresentar quais são os objetivos a serem alcançados, colocá-los em prática e posteriormente comentá-los; c) expressão escrita (Escrever). Deve-se considerar que esta é mais complexa que as anteriores, já que demanda um maior conhecimento dos símbolos específicos da língua estudada. É importante aplicar, dentro do processo didático, as etapas de pré-composição, composição e pós-composição de vários tipos de textos de diferentes estilos; d) compreensão oral (Escutar). Esta é a que menos se aborda no processo de ensino-aprendizagem, pois parte do pressuposto que o estudante já compreende tudo o que escuta, prejudicando assim, todo o processo de aplicação e desenvolvimento das habilidades linguísticas porque nem sempre o aluno realmente compreendeu aquilo que lhe foi proposto. Conclui-se assim, que para a obtenção do sucesso no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira devem ser consideradas todas as etapas de cada uma das habilidades linguísticas, aplicando-as indistintamente.

Com essas reflexões abordadas, buscou-se mostrar os acontecimentos que envolvem o estudo de línguas, onde o professor tem um papel fundamental na forma de transmissão dos conhecimentos da língua que está sendo estudada, mantendo uma postura adequada aos métodos elegidos e sabendo lidar com as diferenças de linguagens usadas por seus alunos e observando a sua própria forma de linguagem para se fazer entender pelo grupo.

È importante que haja um ou mais métodos de ensino usados pelo professor de língua estrangeira para melhor dinamizar o momento de transmissão do conhecimento e que o mesmo mantenha uma postura aberta às diferentes crenças sociais cuja linguagem acompanha sua forma de interpretação aos conhecimentos recebidos.

O estudo da língua estrangeira deve proporcionar conhecimento cultural e este deve ser também comparativo para que o estudante possa compreender e valorizar melhor sua cultura e seu mundo e, assim, redimensionar o outro “mundo” daquela língua que está sendo ensinada.

O professor de línguas deve saber conciliar seu ensino aos estudos lingüísticos, a fim de aperfeiçoar sua linguagem e entender a de seus alunos, especialmente nas região de fronteira, pois pode haver a mistura de diferentes línguas e culturas, ocasionando várias formas de linguagem e, conseqüentemente de interpretação.

A relevância social da lingüística dentro de uma concepção de linguagem, teoria e ensino, pode ser considerada a partir do momento em que o professor de línguas estrangeiras apresenta uma postura de pesquisador, buscando aperfeiçoar seus conhecimentos e descobrir soluções para os problemas encontrados em sala de aula, através de estudos científicos.

Neste sentido, a interação entre aluno-professor se tornará cada vez mais clara e versátil, já que professor adquire um papel social ao envolver-se cientificamente com seus questionamentos lingüísticos, buscando elaborar novas teorias que possam ser facilitadoras e, posteriormente, poder compartilha-las com outros profissionais da área.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do & Tania Suely Azevedo Brasileiro, orgs. (2008).

Formação Docente e estratégias de Integração Universidade/Escola nos cursos de Licenciatura. Vol. 1. São Carlos: Pedro & João Editores.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999;

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira.** Brasília: MEC, 1998.

BURGEILE, Odete; ROCHA, Julio César Barreto. **Uma Análise Sobre as Práticas Metodológicas no Ensino da Língua Estrangeira.** Art. PRATES, Luciana P. M. Silva. In: Estudos em Linguística Aplicada: Multiculturalismo e Ensino-Aprendizagem de Línguas. São Carlos: Pedro e João Editores. Porto Velho: EDUFRO, 2009. (ISBN 978-85-99803-70-7) P. 241-262;

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma Introdução crítica.** 3º ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002;

CAMPILONGO, Celso Fernandes. **O Direito na Sociedade Complexa.** São Paulo: Max Limonad, 2000;

CAMPOS, Drauzio Costa Pires de; ROCHA, Thaís dos Santos Lucas Gomes; LUCCHESI, Martha Abrahão Saad. **Multiculturalismo E Coesão Social na Universidade: Projeto “Centro Cidadão”** in: V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005.

CRUZ, Álvaro Ricardo de Souza. **O Direito à Diferença. As ações afirmativas como mecanismo de inclusão social de mulheres, negros, homossexuais e pessoas portadoras de deficiência.** Belo Horizonte: Del Rey, 2003;

LEFFA, Wilson J. (1999). **O Ensino de Línguas Estrangeiras no Contexto Nacional.** Contexturas, APLIESP, N° N.4.

FERREIRA, **Linguagem, Identidade e Memória Social – Novas fronteiras, novas articulações.** Uni-Rio, Faperj, DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança.* Paz e Terra, 11º edição, 1986;

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito.** São Paulo: Cortez, 1991;

GALUPPO, Marcelo Campos. **Igualdade e Diferença. Estado Democrático de Direito a partir do pensamento de Habermas.** Belo Horizonte: Mandamentos, 2002;

HABERMAS, Jurgen. **A Inclusão do Outro: estudos de teorias políticas**. São Paulo: Loyolo, 2002;

LOPES, Maura Corcini. **Relações de Poderes no espaço multicultural da escola para surdos**. In: SKILAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2ªed. Porto Alegre: Mediação, 2001;

MEC. Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica. **Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais**. CNEB, 2006.

MEC. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - **LDB**, [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#).

MEC. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para o Ensino Básico**. Lei nº 11.274, de 6/2/2006.

MEC. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação - **PNE**, [Lei nº 10.172/2001](#).

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues. **Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Escola**. São Carlos: edUFSCar, 2002;

MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. **Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidade**. Portugal: Porto Editora, 2002;

MOREIRA, Dorosnil Alves, org. (2007). **Ética, Educação, Universidade, Sociedade: reflexões acerca de vivências e práticas como respostas às necessidades sociais no contexto da Amazônia**. São Paulo: Expressão Popular.

MOREIRA, Carmen Tereza Velanga. **Currículo e Realidade Multicultural na Fronteira** – a Universidade Federal de Rondônia: possibilidades e enfrentamentos. Tese de Doutorado: Programa de Educação (Currículo). PUC/SP, 2003.

NENEVÉ, Miguel; PANSINI, Flavia. **Educação Multicultural e Formação Docente**. Currículo Sem Fronteiras, v8, n 1, pp 31-48, 2008;

PANSINI, Flavia. **Multiculturalismo e Formação de Professores: uma pesquisa no curso de pedagogia da Universidade Federal de Rondônia**. Porto Velho: 2008.

PRATES, Luciana Pitwak Machdo Silva Prates. **La enseñanza del español a brasileños y sus dificultades en el aprendizaje**. Anais do XII Congreso Brasileño de Profesores de Español. Cuiabá, 2007;

_____. **Dificultades en el aprendizaje de la lengua española**. Anais do I Congreso Pernambucano de Español. Cabo de Santo Agostinho-PE, 2007 (ISBN 1981-3996).

PRAXEDES, Walter. In: **A diversidade humana na escola: reconhecimento, multiculturalismo e tolerância**. Revista *Espaço Acadêmico*, nº 42, novembro de 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Multiculturalismo: tolerância ou respeito pelo outro?** Jornal *A Razão*, 26 de junho de 2003.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola. Uma perspectiva social**. 10º ed., São Paulo: Ática, 1993;

TORRES, Carlos Alberto. **Democracia, Educação e Multiculturalismo**. Petrópolis: Vozes, 2001;